

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIA SOBRE UM CURIOSO MOINHO DE ÁGUA.

BATISTA, Alberto Vieira

Ano: 1987, 1988 | Número: 97-98

Como citar este documento:

BATISTA, Alberto Vieira, Notícia sobre um curioso moinho de água. *Revista de Guimarães*, 97-98 Jan.-Dez. 1987-1988, p. 331-335.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

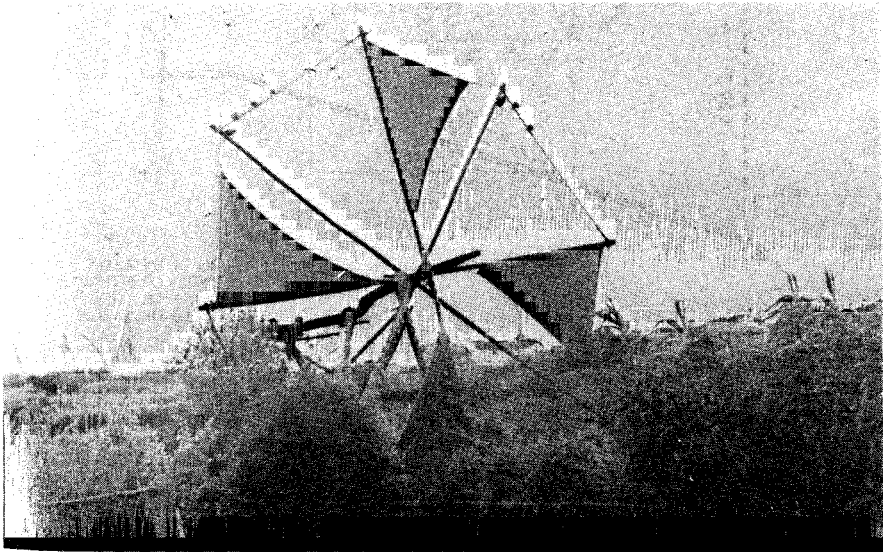
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Notícia sobre um curioso moinho de água

ALBERTO VIEIRA BAPTISTA

Este curioso engenho situa-se nos Casais da Cidade, freguesia da Serra do Bouro, concelho de Caldas da Rainha.

São raríssimos na região (1), e «pouco frequentes no país» (2), contudo, não foi só a sua raridade que nos levou a escrever estas linhas, mas sim as suas características, que diferem praticamente em tudo, do que nos é dado a conhecer pela bibliografia especializada.



O moinho fotografado do único ângulo possível, devido à alta vegetação que o rodeia.

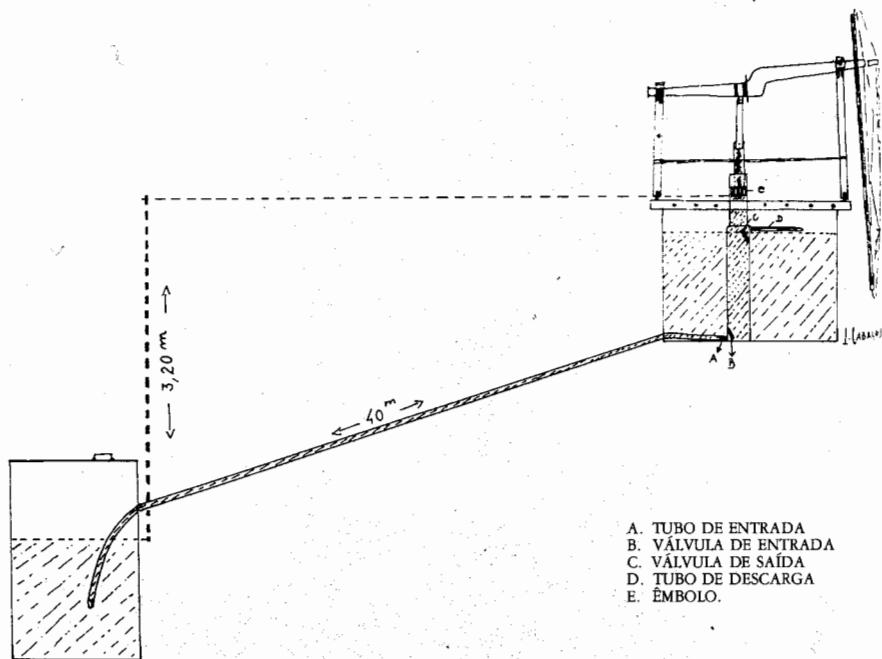
(1) Há alguns anos atrás, existiram em razoável número os «engenhos de vento americanos», destinados à elevação de água dos poços, hoje porém, encontram-se desmantelados ou bastante arruinados.

(2) Jorge Dias e Fernando Galhano, «Aparelhos de Elevar a Água de Rega», Lisboa, 1986.

O moinho está instalado sobre um anel de betão com 3 metros de diâmetro, que se apoia sobre um tanque de rega, quadrangular, com capacidade para «20 pipas».

Este conjunto localiza-se na parte mais elevada de um terreno declivoso, todo ele cultivado, existindo na parte mais baixa uma pequena linha de água.

A principal curiosidade consiste na localização do moinho, que se encontra sobre o tanque de rega, e não, sobre o poço, como os que se encontram descritos. O poço está junto à linha de água, a cerca de 40 metros do moinho, ao qual está ligado através de uma mangueira, que assim conduz a água ao tanque. (Desenho 1).



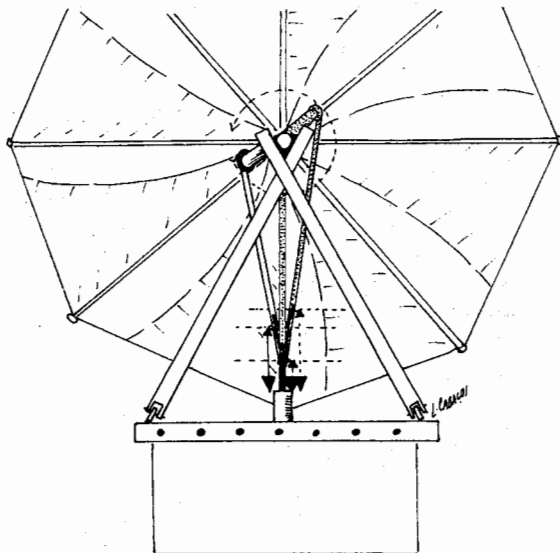
Desenho 1

Quando há necessidade de se proceder à rega, o tanque é aberto e a água conduzida, por acção da gravidade, através de uma complexa rede de drenos.

O «mastro ou torto» (3) gira sobre duas chumaceiras, fixas em quatro costaneiras, entrecruzadas duas a duas, sendo o par dianteiro mais elevado do que o

(3) Assim se lhe refere o seu proprietário, senhor Joaquim Manuel Neto, agricultor, de 76 anos de idade.

da retaguarda. As costaneiras não se apoiam directamente no anel de betão, mas sim, através de rodas de madeira que possuem nas extremidades inferiores. (Desenho 2).



Desenho 2

Algumas tábuas pregadas horizontalmente às costaneiras que suportam o mastro, ajudam a dar solidez ao conjunto.

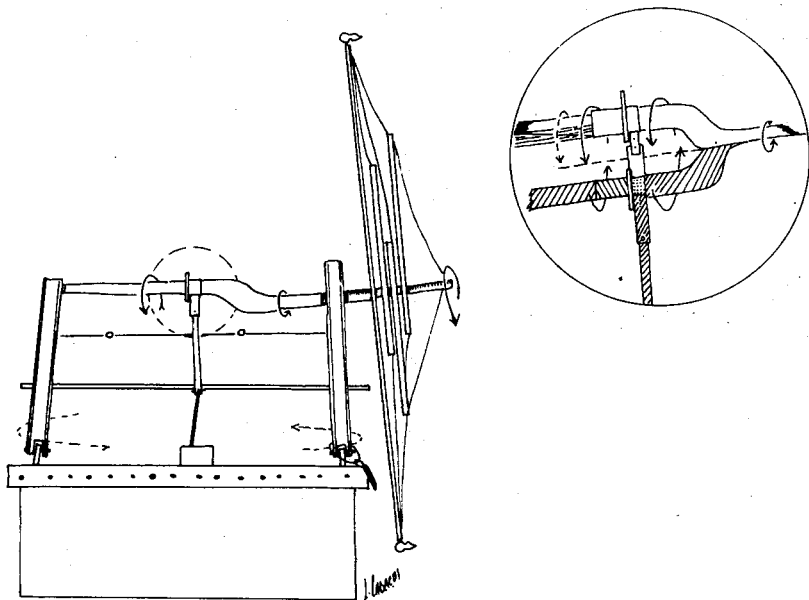
As velas são triangulares de lona verde (4) e em número de quatro. O modo, como as varas se inserem no mastro, e como as velas são esticadas, corresponde exactamente àquilo que se passa, no que se convencionou chamar o «moinho de vento português» (5).

Todas as peças de madeira estão tratadas com óleo queimado, a fim de se obter uma boa conservação.

(4) As velas vieram da Póvoa de Varzim, de um moinho que deixou de funcionar.

(5) Vide, Fernando Galhano, «Moinhos e Azenhas de Portugal», Lisboa, 1978, pp. 79, 80 e 81.

Ligado à parte central do mastro, há um eixo vertical, ligado também, no outro extremo, ao êmbolo da bomba e, que adquire um movimento de vaivém em consequência da «rotação torta» do mastro. (Desenho 3).



Desenho 3

Estamos perante uma bomba aspirante-premente, de 15 centímetros de diâmetro, de fabrico artesanal, constituída por um tubo de fibrocimento, êmbolo e válvulas de madeira revestidas com borracha fina, e alguns pedaços de sola para fixação das válvulas. Nesta bomba só o «veio de vidro» (6) foi adquirido no comércio. À extremidade inferior da bomba está ligada a mangueira que vem do poço.

No caso de não haver vento ponteiro, como há-de funcionar este moinho, que não tem leme?

(6) Tubo de vidro, que é colocado no interior da bomba, de modo a que não haja fuga de água ou de ar quando o êmbolo sobe ou desce.

Já foi dito que as costaneiras de suporte, terminam com rodas de madeira que se apoiam no anel de betão que está sobre o tanque. Pois, este anel tem em todo o seu perímetro exterior, um conjunto de buracos nos quais se vai introduzindo um pau bastante rijo, preso a uma corda que está atada junto a uma das rodas, que funciona como uma alavanca e, assim, o aparelho vai rodando para o lado desejado.

Este processo de fazer girar o moinho, lembra-nos muito o processo utilizado nos «moinhos giratórios» (7).

Se tentarmos encontrar as influências existentes neste moinho, só podemos encontrar uma — a do moinho de vento português. (Vide foto).

No aspecto tecnológico é uma cópia fiel deste, até onde é possível. Quanto à terminologia utilizada pelo seu dono, ao fazer a sua descrição; é a que se ouviria da boca de um moleiro: mastro, velas, escotas, varas, buzinas, etc.

Em certa ocasião ouvimos-lhe mesmo, a seguinte expressão:

«Quando o moinho está a *moer* bem, o tanque fica cheio em 8 horas...»

Parece não restarem dúvidas que foi o moinho de vento que influenciou este curioso aparelho ao qual não faltam sequer as buzinas, presas às cordas que ligam as pontas das varas, que teimam em fazer ouvir as suas canções dolentes, evocando aqueles, que nos cabeços em redor, e agora mudos, lhe deram razão de existir.

Os nossos agradecimentos ao Luís Cabaços, que gentilmente fez os desenhos.

(7) Vide, Fernando Galhano, ob. cit., p. 100.